



Da arqueologia à arquitetura: história e memória gay a partir da série “Hollywood”

From archeology to architecture: history and gay memory from the “Hollywood” series

Marcio da Silva Granez

Doutor em Comunicação, mestre em Letras e graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria, é professor colaborador do PPGCOM da Universidade Federal do Piauí. Bolsista PNPd/CAPES. E-mail: marcio.granez@hotmail.com.



Resumo

O artigo aborda a história e a memória das pessoas gays a partir da série “Hollywood” (2020). De cunho hermenêutico, a interpretação do objeto de análise parte da reflexão sobre comunicação, temporalidades, história, sonhos e sua relação com a obra de arte. Para tanto, interroga a cronologia dos fatos ligados à história da homossexualidade e sua relação com o imaginário gay, considerando o parâmetro temporal e o estético, para compreender a narrativa em sua dimensão factual e fictícia, amparando-se nas contribuições de Foucault (2007), Freud (2006) e Latour (2019). Como resultado, ressalta a temporalidade diferenciada da obra de arte e sua contribuição para a construção identitária dos gays.

Palavras-chave: Cultura gay; memória; história; tempo; série “Hollywood”.

Abstract

The article addresses the history and memory of gay people from the series “Hollywood” (2020). With a hermeneutic nature, the interpretation of the object of analysis starts from the reflection on communication, temporalities, history, dreams and their relationship with the work of art. Therefore, it interrogates the chronology of facts related to the history of homosexuality and its relationship with the gay imagination, considering the temporal and aesthetic parameters, in order to understand the narrative in its factual and fictional dimension, based on the contributions of Foucault (2007), Freud (2006) and Latour (2019). As a result, it highlights the differentiated temporality of the work of art and its contribution to the construction of gay identity.

Keywords: Gay culture; memory; history; time; “Hollywood” series.



Introdução

A história é, em grande medida, a história dos vencedores. Os que dominam e os que mandam possuem os instrumentos de perpetuação ideológica: igreja, judiciário, meios de comunicação. Em que pese o caráter maniqueísta e algo althusseriano (ALTHUSSER, 1987), a afirmação com que se inicia a presente investigação vem sendo comprovada empiricamente, para todos os efeitos práticos.

Ao longo da história humana, de fato, os vencedores cuidaram para que a herança simbólica transmitida à posteridade tivesse a cara deles. Aos vencidos, restou também na maior parte das vezes o papel de escória, de vilão ou, na melhor das hipóteses, o esquecimento.

Com os gays não foi diferente. Por milênios, depois da derrocada da Grécia Antiga, onde a homossexualidade masculina entre o homem adulto e o efebo era considerada o ideal de união romântica, os gays tiveram de conviver com a perseguição e a marginalidade. Na Idade Média, eram considerados criaturas perdidas, destinadas ao fogo do inferno pela Igreja Católica. Até a segunda metade do século XX, eram tratados como doentes e pervertidos, e foram submetidos a tratamentos médicos incapacitantes que visavam à cura.

A história da cultura gay foi marcada pela alteridade, pelo silêncio e pela violência ao longo dos milênios. A arte tem sido nesse contexto uma espécie de válvula de escape para os homossexuais: por meio das artes, a expressão das verdades e das histórias de vida foram sendo passadas de geração a geração, de forma sub-reptícia (PAGLIA, 1992).

Algumas obras recuperaram o papel da identidade homossexual na cultura brasileira (TREVISAN, 2018; GREEN, 2000), revelando a participação efetiva dos gays, lésbicas e transgêneros ao longo da história. O cinema também tem tido importante papel nesse resgate, sobretudo a partir da

década de 90 do século XX, quando foram levadas às telas narrativas que retratavam a cultura gay de forma menos estereotipada. Recentemente, as séries de televisão vêm ocupando esse espaço: recontar a história gay a partir do universo e das referências da comunidade, ultrapassando as convenções e as temporalidades da cultura heteronormativa.

O presente artigo visa a refletir sobre esse movimento de resgate da identidade homossexual, tomando como mote a série “Hollywood” (2020). Indagamos as temporalidades e o imaginário construído nesta obra de ficção que mistura dados históricos e criação artística. Para tanto, fazemos primeiramente um breve resgate histórico da homossexualidade. Em seguida, baseados em Foucault, Freud e Latour, começamos por problematizar o conceito de história, indagando as relações de poder que permeiam as narrativas oficiais. A partir disso, descrevemos e analisamos o corpus, constituído pelos sete episódios da série.

Finalizamos traçando considerações sobre as relações possíveis entre a temporalidade ditada pelo tempo histórico e a das narrativas embasadas na memória e nos afetos.

Brevíssimo histórico

A cultura gay sempre esteve presente ao longo da história humana. Há estudos antropológicos e paleontológicos bem documentados sobre as interações sexuais entre pessoas do mesmo sexo desde quase os primeiros registros da humanidade. O comportamento homossexual também está bem documentado para além da espécie humana. A biologia tem mostrado que é frequente a interação fora do esquema macho-fêmea para fins reprodutivos em muitas das espécies existentes no planeta: “Bonobos frequentemente usam sexo para dissipar tensões e cimentar ligações sociais. Em decorrência, e sem surpresa, as relações homossexuais são muito comuns entre eles” (HARARI, 2016, p. 145).



Não haveria, portanto, um ponto de crise ou de questionamento na esfera meramente biológica e genética para a herança homossexual na cultura humana e mesmo animal. A biologia e a antropologia mostram com abundância de exemplos uma história marcada pelo amor e pela interação sexual de cunho homossexual. Mas essa história não tem seu equivalente na cultura e no registro histórico oficial.

Por razões de ordem religiosa e ideológica, a homossexualidade passou a ser um tabu em algum ponto da cultura humana, e sua participação no grande esquema da vida sobre a Terra foi sendo apagada, editada por censores, recalcada por grupos religiosos fanáticos, condenada ao esquecimento e aos quartos escuros.

Regimes políticos de todos os matizes ideológicos costumam perseguir homossexuais e outras ditas “minorias” como parte de programas de purificação e moralismo. Tanto o comunismo como o fascismo e o nazismo perseguiram os gays, cada um sustentando a perseguição por razões programáticas, que foram da fidelidade ao regime à necessidade de eliminação do comportamento “desviante”.

Embora boa parte dos artistas tenha tido uma vida de amores e práticas homossexuais – como mostram as biografias de Michelangelo e Leonardo da Vinci, para ficarmos apenas em dois nomes bastante conhecidos –, os amores gays foram relegados ao silêncio, gravados em uma linguagem hermética para os leigos (PAGLIA, 1992). Para os que viviam uma vida fora do círculo artístico e da complacência das classes mais abastadas, restava a vida “no armário”: a vida paralela, de amores proibidos, fugindo da polícia e da própria consciência.

Muitos séculos e mártires depois, a cultura gay começou lentamente a ser reconhecida como algo existente. Alguns atribuem essa aceitação à lógica de uma sociedade mais plural e democrática, sinceramente preocupada com a inclusão de todas as formas de amor, resultante das lutas políticas que deram nascimento às democracias ocidentais. Outros preferem ver nesse movimento



de abertura e de acolhimento apenas mais uma das faces do capitalismo, que busca incluir pelo consumo. Ambas as tendências são registradas por Harari (2020). Tudo isso não elimina a realidade cruel dos países em desenvolvimento e dos países subdesenvolvidos, onde os homossexuais ainda são perseguidos e a homossexualidade é considerada crime sujeito a castigos físicos e eventualmente à morte.

De toda forma, estudos acadêmicos também contribuíram de maneira decisiva para a aceitação dos gays como seres de plena existência e de direito. A sociologia, a história e a antropologia guiaram investigações que mostraram a existência de realidades antes invisíveis, nas aldeias, prisões, manicômios, quilombos, e em todos os outros lugares antes desprezados pelos estudiosos. A nova história e a micro-história interessaram-se pela realidade dos excluídos, ajudando a recompor um quadro que por séculos fora higienizado das marcas humanas consideradas embaraçosas e indignas de nota, como a homossexualidade.

A arqueologia dos saberes (FOUCAULT, 2007; 2008) demonstra que por baixo das construções discursivas da historiografia oficial existe uma miríade de histórias alternativas, que não encontraram registro e ficaram esquecidas, à espera do olhar dos pesquisadores. Ao lado da cronologia que serviu de base para registrar os acontecimentos considerados canônicos, subsistiu uma outra cronologia, marcada pela afetividade e pela vivência dos grupos marginalizados, só recentemente trazida a lume.

Tempo linear e tempo cíclico

Olhar para a história dos afetos implica considerar um tempo que corre de forma paralela ao tempo do calendário: a temporalidade dos afetos não tem a mesma dimensão do tempo dos relógios. Assemelha-se mais ao tempo cíclico do inconsciente freudiano, o mesmo tempo cíclico das sociedades tradicionais (FREUD, 2006; 2012; ELIADE, 2001; GOODY, 2012). O tempo do inconsciente, como



professado por Freud, é regido pelo “romance familiar”, e não pela passagem em direção ao futuro. Esse tempo marcado pela memória afetiva é o que realmente liga os indivíduos a seus desejos e anseios mais significativos, embora seja recalcado no inconsciente e apareça de forma enigmática nos sonhos e nas neuroses em geral. Mas é também o tempo da criação artística.

A estética possui a qualidade de explicitar pelos signos o drama familiar que povoa o inconsciente, somando a isso o aval da sociedade, que permite a enunciação das verdades ancestrais se essas forem devidamente estilizadas e ressignificadas nas linguagens artísticas. O tempo dos afetos ganha dimensão própria nas obras de arte, distendendo-se na identificação entre os afetos do artista e os do espectador/audiência. A relação do tempo afetivo com o tempo cronológico é incidental, e cada obra de arte é um convite a mergulhar no tempo distendido do inconsciente e da percepção individual.

A percepção estética remete, assim, a um tempo não-linear: trata-se de um tempo subjetivo, que incide sobre a memória e os afetos, mais do que sobre os fatos do calendário. Entender como se processa o tempo, em sua relação com o caráter factual da experiência e a subjetividade humana, é um tema de grande apelo para a reflexão. Por isso mesmo, não se pretende esgotar ou aprofundar a discussão sobre o conceito de tempo e de memória, mas apenas esboçar as linhas gerais do entendimento de ambos, naquilo que podem auxiliar para a compreensão da experiência estética que vamos analisar aqui.

Tradicionalmente as sociedades foram divididas segundo sua concepção temporal. As que encaram o tempo como uma linha reta que vai no sentido do passado ao futuro são as sociedades ditas modernas, nas quais a noção de progresso e de decadência acompanham a direção da seta do tempo (LATOUR, 2019). Aqui a noção de tempo histórico prevalece, um tempo que deixa para trás de si um rastro de coisas superadas pelo progresso das sociedades ocidentais.

Para Latour (2019), a cisão entre o tempo das sociedades ocidentais e as não-ocidentais deu-se a partir da experiência moderna, que separou a natureza de um lado e a sociedade de outro,



objetividade e subjetividade, instaurando a noção de um tempo linear, que teria afastado definitivamente os modernos dos pré-modernos.

Já aquelas sociedades que concebem o tempo como uma experiência cíclica, que volta sempre ao ponto inicial em eterno retorno da experiência, são consideradas as sociedades tradicionais ou arcaicas (ELIADE, 2001). Aqui o tempo não seria como uma seta ou linha reta, mas sim como uma espiral ou um círculo, que vai e vem como as estações, o dia e a noite. Essas sociedades seriam guiadas pela lógica dos ciclos da natureza, que se confundiriam com as suas próprias estruturas sociais (LATOURE, 2019), impregnando sua visão de mundo e sua interpretação da realidade.

Ao analisar a experiência temporal religiosa das sociedades arcaicas, Eliade (2001) demonstrou a ligação da psique do homem primitivo com a nostalgia de um tempo imemorial, quando a humanidade convivia com os deuses, e que torna a experiência sagrada. A dimensão do sagrado na experiência humana representa o acesso a esse tempo imemorial, que estava no início de tudo, e que remete a outra dimensão da existência, fora do tempo profano que comanda as atividades cotidianas.

O homem primitivo repete os atos de um ritual para nós incompreensível porque assim o fazendo ele tem acesso à sua realidade transcendente: está de volta “àquele tempo” em que os deuses conviviam com os homens e para o qual os homens esperam voltar após a morte.

Para as sociedades laicas ocidentais, o tempo do sagrado recuou até quase não mais ser visível nos rituais cotidianos. O espaço da religião cedeu lugar à racionalidade e à ciência, banindo para os confins e para as margens aquilo que antes estava no centro das sociedades arcaicas. Mas o sagrado não desapareceu completamente. Ele permanece em algumas formas da experiência.

Freud demonstrou que as neuroses são como manifestações ritualísticas de desejos reprimidos. O paciente que tem uma neurose obsessiva, por exemplo, repete os gestos que o remetem ao desejo reprimido. Os sonhos são manifestações do desejo em forma simbólica: é quando o inconsciente escapa à vigilância das regras morais e pode fantasiar livremente, em uma linguagem



cifrada, que cabe ao analista desvelar (FREUD, 2012). E a arte é um sonhar acordado onde o desejo pode se expressar sem as amarras da repressão. Tal como os sonhos e as neuroses, a criação artística dialoga com os afetos inconscientes, e os traduz em linguagem simbólica.

Com isso, o tempo da experiência sagrada ou religiosa das sociedades arcaicas teria também se comprimido na dimensão da experiência psíquica do indivíduo das sociedades modernas. O passado arcaico e pré-moderno espreita no coração mesmo das sociedades modernas, tendo sido deslocado para o inconsciente humano e para os rituais religiosos. O homem das sociedades tradicionais estaria ainda vivo na dimensão do id freudiano, a parte da psique guiada pelos impulsos da natureza animal.

Dessa forma, seguindo o raciocínio de Freud, o tempo cíclico não morreu, apenas se deslocou da experiência comum para a experiência psíquica, pois essas manifestações psíquicas também são cíclicas: o tempo em que elas vivem é o tempo da memória, e não o do calendário. A realidade que elas constroem é uma realidade alternativa, que não se confunde com a realidade factual registrada pelos jornais.

Bruno Latour (2019) questiona as bases da epistemologia ocidental em seu “Nunca fomos modernos”: para ele a experiência temporal da modernidade é apenas uma forma possível de entender o tempo, não a única, nem muito menos a mais apta a descrever a experiência humana daqui por diante. Em vez de uma linha reta, ele propõe uma forma de espiral para a representação temporal: algo que remete tanto à passagem de um momento a outro como à volta das experiências em que se misturam seres e objetos:

Suponhamos, por exemplo, que reagrupemos os elementos contemporâneos ao longo de uma espiral e não mais de uma linha. Certamente temos um futuro e um passado, mas o futuro se parece com um círculo em expansão em todas as direções, e o passado não se encontra ultrapassado, mas retomado, repetido, envolvido, protegido, recombinação, reinterpretado e refeito. Se seguirmos a espiral, alguns elementos que



pareciam estar distantes podem estar muito próximos quando comparamos os anéis. Inversamente, elementos bastante contemporâneos, a julgar pela linha, tornam-se muito distantes se percorremos um raio. Tal temporalidade não força o uso dos rótulos “arcaico” ou “avançados”, já que todo agrupamento de elementos contemporâneos pode juntar elementos pertencentes a todos os tempos. Em um quadro deste tipo, nossas ações são enfim reconhecidas como politemporais (LATOURE, 2019, p. 94).

Interessado em acolher os chamados “híbridos” ou “monstros” que povoam o centro da experiência moderna – seres e entes em que se confunde a objetividade da ciência com a subjetividade da sociedade –, Latour propõe a modalidade do tempo em espiral porque ela seria um esquema mais adequado para abranger as relações temporais existentes no mundo em que vivemos. Acolhe tanto a progressão como o retorno da experiência, livrando-nos da armadilha temporal moderna, obcecada pelo progresso e metida no *beco sem saída* do pensamento racionalista.

A indagação que colocamos nesse ponto é justamente nesse sentido. Seria possível conceber uma noção temporal que retivesse a memória da humanidade em toda a sua riqueza subjetiva, a par da fidelidade aos fatos e à natureza? Talvez esse parâmetro já exista na experiência artística. O tempo da experiência estética que analisaremos aqui remete também ao tempo cíclico, embora tenha algo mais a oferecer.

Sobre a série “Hollywood”

A série “Hollywood” (2020), produzida e dirigida por Ryan Murphy e Ian Brennan, e lançada em 2020 pela Netflix, aborda de forma ficcional um universo de artistas da Hollywood dos anos 40, momento marcado pelo puritanismo e pela perseguição aos homossexuais nos EUA. Com uma temporada e um total de sete episódios, veiculados pela Netflix no Brasil, a série se passa no auge do período conhecido como macarthismo, que submetia a indústria cultural a um rígido padrão de costumes, dado o temor de que a arte fosse o mensageiro do comunismo, no alvorecer da Guerra Fria



que opôs a União Soviética e os Estados Unidos depois da Segunda Guerra Mundial. Temas como a homossexualidade não eram discutidos de forma aberta, e os homossexuais eram estigmatizados, juntamente a outros segmentos, como negros e mulheres.

Quando abordado nas telas, o universo gay era retratado de maneira estereotipada, o mais das vezes como perversões da personalidade, ou como distúrbio e doença. O final das personagens gays era sombrio nessas obras, o que contribuiu para a associação dos gays com um lado negativo da sexualidade e da psique humana: desvio moral, doença mental. Exemplos de como essa visão estereotipada aparecia nas telas estão no filme “De repente, no último verão” (1959), filme dirigido por Joseph L. Mankiewicz, com roteiro de Gore Vidal e Tennessee Williams, e produzido pela Columbia Pictures.

Os símbolos que transmitiam a experiência do amor homossexual estavam carregados da interdição puritana macarthista, e são hoje objeto de investigações interessantes, que buscam desencavar o palimpsesto de referências ocultas para os estudiosos da cultura gay.

No filme de Mankiewicz por exemplo o personagem Sebastian, em torno do qual gira a narrativa, está envolto numa aura de mistério e reticências, que só aumentam a intensidade dramática da revelação final: milionário entediado, em relação de dependência psicológica com a figura materna (interpretada por Katherine Hepburn), ele usa as “pessoas”, entedia-se delas e as dispensa. O espetáculo de horror em crescendo que toma conta da narrativa oferece a imagem redentora do cordeiro sacrificial do cristianismo, lavando em sangue os pecados da imundície gay.

Os anos 40 e 50 foram, de fato, anos de chumbo para a diversidade representada pela cultura gay nos Estados Unidos e em boa parte do mundo ocidental. Ser gay nos EUA era – como ainda é em diversos países – caso de polícia. No final do século XIX, a prisão e humilhação pública do grande escritor irlandês Oscar Wilde marcou de forma indelével a cultura gay para as gerações seguintes, associando o comportamento homossexual ao crime na mente das novas gerações.



Quando não era a cadeia, era o hospício que ameaçava a cultura homossexual. O tratamento médico da homossexualidade era a recomendação seguida oficialmente em boa parte das nações. Isso porque o comportamento gay era considerado comportamento desviante, sendo tido como um atalho ou um retardo do comportamento heterossexual, esse considerado “normal”. Foi só na década de 1990 que a homossexualidade deixou de ser considerada doença pela Organização Mundial da Saúde – OMS.

São muitos os casos que vêm sendo recontados dessa história sombria, talvez o mais recente sendo o do matemático britânico Alan Turing, cujas contribuições para a nascente ciência da computação ajudaram os países aliados a derrotar o nazismo. Condenado ao tratamento hormonal para curar sua homossexualidade, ele se matou em 1954, sem nenhum reconhecimento por seu trabalho.

Oscar Wilde e Alan Turing são os casos reluzentes da história de opressão da homossexualidade, mas é desnecessário dizer que eles, apesar de tudo, tiveram o reconhecimento da posteridade e sua contribuição permanece em suas obras como exemplo para os jovens de todas as orientações. Mas é preciso considerar que um contingente mudo e numeroso de pessoas gays não teve nem uma coisa nem outra, e seu destino foi a repressão e o esquecimento da história oficial. Essa geração não aparece nas datas comemorativas, não teve seus heróis reconhecidos nos festejos escolares, nem sua cultura celebrada nos eventos oficiais.

Apenas em 1969 ocorreu a revolta dos gays no bar Stonewall, em Nova York, e que viria a se tornar uma referência para as gerações posteriores, trazendo visibilidade para o movimento gay em todo o mundo. Antes disso, via de regra não se falava sobre a homossexualidade a não ser como objeto de desprezo ou de piada.

A série “Hollywood” traz um lado bem diferente do registro histórico da cultura gay. Embora seja ambientada no ambiente repressor dos anos 40 do século XX, ela reconta os fatos de maneira



livre, misturando registro histórico e criação artística, modificando a realidade histórica e recriando o passado a partir do ponto de vista de, pelo menos, três grupos historicamente oprimidos – mulheres, negros e homossexuais. Interessa ao presente artigo aprofundar e refletir sobre as questões ligadas à cultura gay, por questão de delimitação temática, mas fique o registro: a série reconta a história de outras minorias também, e as batalhas específicas que cada uma teve de lutar para fazer valer seus direitos. Por vezes essas minorias estão representadas duplamente em certos personagens, como no caso de homens e mulheres negros e gays/lésbicas, ou no caso das personagens mulheres e negras.

Trata-se do ponto de vista das minorias, com destaque para a minoria gay, cuja presença em cena está marcada pela maior parte dos personagens masculinos de destaque, que são gays. A série se propõe retratar como seria a história se tivéssemos a possibilidade de reescrevê-la a partir do ponto de vista dessas minorias, independentemente dos fatos registrados oficialmente.

Resumo dos episódios

A seguir traçamos um breve resumo dos episódios da série, destacando os fatos que incidem sobre a temática gay e sua relação com o tempo histórico e o tempo da memória afetiva.

Episódio 1

No episódio 1 apresenta-se o contexto da série e os personagens principais. Desde o início fica explícita a homossexualidade como tema central da série, juntamente ao racismo e o sexismo. Seguimos a luta de personagens que buscam um lugar ao sol na terra do cinema em 1947. Entre eles, o roteirista negro e gay Archie Coleman, que passa a trabalhar de michê para ganhar a vida. Archie faz programa com Roy Fitzgerald, aspirante a ator.

Episódio 2



No episódio 2, a trama avança, mostrando a batalha dos personagens pela ascensão em Hollywood: ator e roteirista gay se apaixonam enquanto buscam espaço na “terra dos sonhos”. O aspirante a ator muda seu nome por imposição de um executivo gay, para Rock Hudson.

Episódio 3

Mostra a festa na casa do diretor George Cukor, em que aspirantes a atores são convidados para encontros sexuais com os executivos do cinema. Rock é instigado a fazer sexo com o executivo de estúdio Dick Samuels, para conseguir papel no filme “Peg”. Dick vive “no armário”, refuga o convite e adverte Rock a não se submeter aos ditames de Hollywood.

Episódio 4

Mostra a luta dos personagens negros para ver seu trabalho reconhecido: Camille Washington, a atriz que busca o papel principal do filme “Peg”, e Archie, o roteirista negro e gay. Eleanor Roosevelt, primeira-dama do então presidente Franklin Delano Roosevelt, discursa pela igualdade, o que abre espaço para a produção do filme com uma atriz negra.

Episódio 5

A produção do filme, que agora se chamará “Meg”, sofre ameaças racistas e os produtores lutam para garantir o orçamento e realizar o filme. “Meg” é uma adaptação da história verídica de uma atriz que teria se jogado da letra “H” do letreiro de Hollywood, em Los Angeles, em 1932.

Episódio 6



Após uma longa jornada para a realização do filme com a personagem negra no papel principal e a participação de Rock e do roteirista gay, há um momento de anticlímax, com a queima dos originais, a mando do advogado do presidente do estúdio.

Episódio 7

Recuperada cópia dos originais do filme, a cerimônia do Oscar é marcada pela redenção e reconhecimento dos personagens gays, assim como por atos de afirmação, como o discurso do roteirista negro gay, que dedica o prêmio a seu companheiro, Rock Hudson. No epílogo, um ano depois, passadas as glórias do enfrentamento público, o episódio final da série indica caminhos possíveis para o futuro de cada um deles e da própria identidade gay. O estúdio planeja lançar um filme com um casal homossexual como protagonista, “Dreamland”.

O resumo dos episódios deixa transparecer um ponto fundamental: a liberdade dos diretores em relação à realidade factual registrada historicamente. Esse é de fato um dos pontos que suscitou dúvidas e questionamentos da audiência e da crítica: em que medida a série observava a realidade histórica e em que medida criava livremente (STYCER, 2020; FOLHA DE S.PAULO, 2020).

Houve um pouco das duas dimensões na série, como costuma ser o caso nas obras de arte: tanto o factual como o ficcional estão entrelaçados, um contribuindo para reforçar os sentidos do outro. A personagem de Rock Hudson, por exemplo, foi baseada no ator real que viveu no tempo histórico; a série apresenta traços biográficos da vida do ator e vivências fictícias imaginadas pelos criadores da narrativa. Tomemos o caso de Rock Hudson como base para generalizar o que pode ser observado como regra na criação estética de “Hollywood”.

Em termos factuais, Rock Hudson foi de ícone da masculinidade dos tempos áureos do cinema americano a primeira vítima mundialmente famosa da Aids, em 1985. Depois de uma vida dupla

em que teve de esconder sua sexualidade, o ator viu-se enredado ao longo de sua existência no jogo de espelhos da fama e dos estereótipos da indústria cultural. Seu final foi trágico, marcado pelo abandono dos holofotes e pela doença que dizimou a comunidade gay a partir da metade da década de 1980. Mas o caráter icônico da vida do ator americano é tão grande para a cultura em geral e para a cultura gay em particular, que no Brasil seu nome acabou virando mesmo referência na cultura popular, nos personagens gays Rocky e Hudson, do quadrinista brasileiro Adão Iturrusgarai, gaúcho de Cachoeira do Sul cuja produção se destaca pelo humor e irreverência.

O Rock Hudson que vemos na série “Hollywood” tem uma trajetória que em muito se afasta do personagem da vida real. Este jamais se assumiu publicamente, mesmo quando já acometido pela Aids, na década de 1980. Mas é fato que o ator americano foi explorado no início da carreira por produtores como o personagem de Henry Willson – interpretado pelo ator Jim Parsons –, com o qual se envolve em troca de oportunidades de trabalho.

Assim como o personagem de Hudson, outros personagens tiveram inspiração em fatos reais, mas muitos deles não existiram, como é o caso do roteirista gay negro, Archie Coleman. Esses fatos e personagens serviram para criar uma narrativa em que realidade e ficção foram misturadas, com a finalidade de imaginar uma história alternativa à história factual, construindo-se uma nova narrativa para o passado gay na Hollywood dos anos 40.

Imagem 1 – Rock Hudson e Archie Coleman se beijam na cerimônia do Oscar



Fonte: Série *Hollywood*, episódio 7. Divulgação/Netflix

Trata-se de uma tendência da ficção contemporânea, de reescrever a história a partir de livre interpretação dos fatos, tal como verificado em outras obras, como por exemplo o filme “Bastardos Inglórios” (2009), que reescreve os fatos da Segunda Guerra Mundial, e a série “Bridgerton” (2020), que reescreve a história da separação étnica na Inglaterra do século XIX, e que foi baseada nos livros da série literária *Os Bridgertons*, escritos pela norte-americana Julia Quinn. A chamada “história alternativa” (STYCER, 2020) é uma recriação do passado histórico, com finalidades que vão da afirmação de identidades à problematização de questões como o racismo, a misoginia e os crimes do passado.

Embora possa ser visualizada como uma tendência, a livre interpretação histórica feita pela arte não é, de forma alguma, novidade. O simples gesto de compor uma obra de arte já é um fato em si no mundo, instaurando uma outra realidade que corre paralela à realidade factual. Essa outra realidade implica a criação de uma nova dimensão no tempo e no espaço: o tempo e o espaço da criação artística, que tem regras e motivações próprias (PAGLIA, 1992).



Mas nos interessa questionar nesse ponto o movimento mesmo de reescrita e reinterpretação histórica, possibilitados pela experiência estética apresentada na série “Hollywood”, e sua relação com a história e a memória dos gays. Para isso, precisamos aproximar as categorias temporais freudianas com o trabalho de reconstituição arqueológica proposto por Foucault em *Arqueologia do saber* (2008). Também nos interessa explicitar os pontos críticos da criação estética no confronto com a realidade factual histórica, buscando compreender as soluções artísticas propostas pela série e como elas refletem a cultura gay atual.

Temporalidade, afeto e memória

A série “Hollywood” insere-se no movimento geral de busca por dignidade e construção de identidade da comunidade gay. Nas últimas décadas, houve mudanças significativas na percepção da sociedade sobre o modo de vida e o amor homossexual. A visibilidade sobre a comunidade gay foi o resultado de diversos embates da sociedade civil e da comunidade gay, que resultaram em vitórias como, por exemplo, a união civil entre pessoas do mesmo sexo e a possibilidade de adoção por casais homossexuais no Brasil.

Essas e outras conquistas não elidem a violência cotidiana sofrida por milhares de homossexuais em países como o Brasil, onde as estatísticas sobre agressões à comunidade LGBTQI+ permanecem altas. Mas elas permitem iniciativas de recriação pelas narrativas sobre o universo gay.

Os avanços se refletem na criação de narrativas que buscam resgatar e reescrever a história, revisitando os fantasmas de um passado marcado pela opressão, no terreno possível da criação artística. O passado recriado na série “Hollywood” traz essa dupla face, documental e ficcional, que está a meio termo entre a realidade factual, que remete às coisas como elas foram, e a criação artística, que remete às coisas como desejamos que tivessem sido e que sejam daqui por diante.



As questões enfrentadas pela comunidade gay no tempo histórico – opressão, preconceito, exploração, desprezo – são revividas nos enfrentamentos da narrativa, projetadas nos percalços vividos pelos personagens, deslocadas em relação aos referentes factuais, e aproximadas das questões vivenciadas no tempo presente pela comunidade gay mundial.

Ao recontar essa história, não se trata apenas de mostrar o papel dos homossexuais como força social viva e digna de ser respeitada como todas as outras pessoas. O trabalho de recontar a história esquecida já vem sendo realizado há décadas pelos historiadores e filósofos do conhecimento, sintetizado na imagem foucaultiana do “arqueólogo” dos saberes. Este reconstitui a ordem discursiva perscrutando os interditos, os silêncios e as rupturas no tecido dos registros históricos, para mostrar os que foram silenciados e que são resgatados pela “arqueologia” (FOUCAULT, 2008).

Quando se consideram temporalidade e narrativa propostas pela série “Hollywood”, trata-se agora de um trabalho que remete mais à arquitetura: trata-se de construir, a partir de um viés estético, um universo possível de narrativas que servem para contar a história e para traçar os futuros possíveis da vida em sociedade, respeitando as linhas de força do mundo real, para que o edifício fique firme e em pé, mas também acolhendo as demandas do desejo, como no universo onírico freudiano. É nesse sentido que reconhecemos na série “Hollywood”, mais do que uma arqueologia ou resgate, uma arquitetura: criação de mundos possíveis a partir da estética.

Considerações finais

Neste trabalho, refletimos sobre o tempo histórico e o tempo subjetivo, buscando situar ambos na análise da série “Hollywood”, enfocando as questões da identidade gay trazidas pela série. Interrogamos os sentidos criados no âmbito da obra artística, e sua relação com a realidade factual e o desejo. Procuramos demonstrar que a série oferece um olhar alternativo para a cronologia da cultura



gay ligada ao universo cinematográfico hollywoodiano, projetando demandas e desejos atuais no tempo histórico.

Nesse percurso, propomos que o olhar sobre a temporalidade sugerido pela série aproxima-se mais de uma construção ou arquitetura, do que de uma desconstrução ou arqueologia: trata-se de mobilizar o imaginário gay e de construir a identidade da cultura homossexual, sem se prender apenas ao resgate factual. A experiência estética permite tais liberdades, pois seu tempo é cíclico como o desejo.

Ao subverter parcialmente os fatos da cronologia histórica, a série “Hollywood” busca construir o edifício de uma sociedade mais tolerante e inclusiva, sem armários e sem ódios pelas diferenças, uma sociedade onde seja possível conviver plenamente sendo aquilo que se é, para além das ruínas arqueológicas de um passado que ora nega toda a presença dos gays na história, ora o coloca na era de ouro que não volta mais da antiguidade clássica.

A subversão dos fatos históricos aponta para a ordem do desejo: desejo de rever o passado e de superar as imagens estereotipadas coladas aos homossexuais. Mas ela só pode fazer sentido quando se conhece a história factual de lutas e sofrimentos que marcaram o tempo histórico vivido pelos homossexuais. No tempo cíclico da criação artística, revistar o passado e os traumas antigos é uma das formas de alcançar a sabedoria necessária para compreendê-los e eventualmente superá-los.

Por isso talvez a criação estética seja uma dimensão possível para a proposta de Bruno Latour sobre a temporalidade que cabe a nós, “não-modernos”: o tempo distendido e cíclico da criação estética permite visitar o passado sem percorrer apenas a linha reta da história oficial. Permite aproximar os desejos de sua realização, criando um ser/ente que não se limita ao mundo físico da natureza nem ao mundo subjetivo da sociedade. É antes um “híbrido” que reclama seu lugar de direito no mundo tal como o conhecemos.



Por muito tempo, a identidade gay também foi atravessada pela noção de que não era nem da ordem do masculino nem do feminino, e, tal como os “monstros” de Bruno Latour, também os homossexuais sentiam-se deslocados da cosmogonia humana. O resgate de sua contribuição histórica só agora começa a ser feito pelos cientistas sociais, no lento e paciente trabalho de arqueologia que marca os estudos sobre a cultura humana desde a segunda metade do século XX.

Mas a criação estética, tal como encarnada na série “Hollywood”, aponta para outras possibilidades de construção identitária, mais afirmativas e mais atentas ao futuro e à construção, sem descurar da herança e do passado factual. Ao permitir o enfrentamento dos fantasmas históricos, revisitando-os pela lente das questões contemporâneas, ela cumpre a função de catarse associada à estética, passo importante para a transformação das relações no mundo real no presente histórico.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.
- BASTARDOS INGLÓRIOS**. Direção: Quentin Tarantino. Produção: Lawrence Bender. Estados Unidos, Alemanha, 153 min., 2009.
- BRIDGERTON**. Direção: Chris Van Dusen. Produção: Shonda Rhimes, Betsy Beers, Chris Van Dusen, Julie Anne Robinson. Estados Unidos, Netflix, 2020.
- DE REPENTE, NO ÚLTIMO VERÃO**. Direção: Joseph L. Mankiewicz. Estados Unidos, 1959. Preto e branco, 114 min.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Trad. Rogério Fernandes. 191p.
- FOLHA DE S.PAULO. Descubra o que é fato e o que é invenção na série “Hollywood”, da Netflix. **Folha de S.Paulo**, 1º de maio de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/05/descubra-o-que-e-fato-e-o-que-e-invencao-na-serie-hollywood-da-netflix.shtml>. Acesso em 03 de maio de 2020.
- FOUCAULT. **As palavras e as coisas**. Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- _____. **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.



GREEN, James Naylor. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: UNESP, 2000.

GOODY, Jack. **O mito, o ritual e o oral**. Petrópolis: Vozes, 2012. Trad. Vera Joscelyne. 181 p.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. 51. ed. Porto Alegre: L&PM, 2020. (Trad. Janaína Marcoantonio) 464 p.

____. **Homo Deus**: uma breve história do amanhã. Trad. Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 443 p.

HOLLYWOOD. Direção: Ryan Murphy, Ian Brennan. Produção: Ryan Murphy, Ian Brennan. Netflix, 2020.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Ensaio de antropologia simétrica. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2019. (Tradução de Carlos Irineu da Costa; revisão técnica de Stelio Marras) 191 p.

PAGLIA, Camille. **Personas sexuais**. Arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Tradução de Marcos Santarrita. 665 p.

STYCER, Mauricio. Melodrama “Hollywood” reescreve a história de negros e gays nos anos 40. **Folha de S.Paulo**, 07 de maio de 2020. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/mauriciostyker/2020/05/melodrama-hollywood-reescreve-historia-de-negros-e-gays-nos-anos-1940.shtml>. Acesso em 08 de maio de 2020.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**. A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. Ed. São Paulo: Objetiva, 2018.